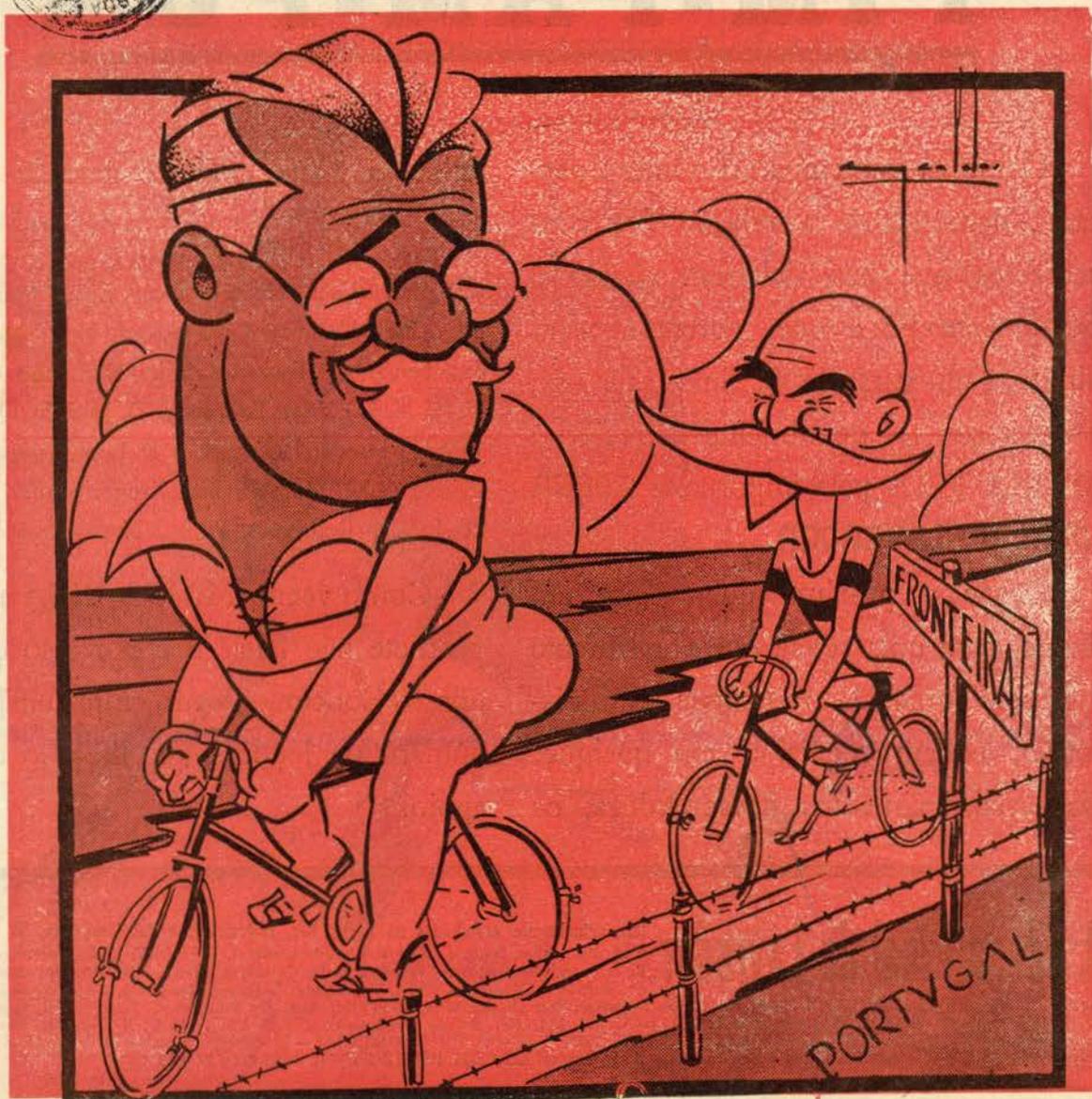




Direcção literária de JOSÉ DE ARTIMANHA e DR. KNOX



A VOLTA A PORTUGAL



Alguns corredores que a não podem fazer

Propriedade da Empresa do
Magazine «Civilização» L.ª

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Direcção literária de:

JOSÉ DE ARTIMANHA
DR. KNOX

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

CONCURSO

PIM-PAM-PUM

Como prometemos no número passado, damos hoje a relação dos concorrentes que não deitaram abaixo o Sempre-em-Pé e que, portanto, teem direito a um garrafão de vinho cada um, prémio que foi gentilmente oferecido à MARIA RITA pela importante ADEGA IDEAL DO LAVRADOR.

Desde a próxima quarta-feira em diante, com uma senha que previamente lhes será fornecida pela nossa Administração, podem requisitar em qualquer dos estabelecimentos dessa Adega, os

felizes a quem coube o garrafão e que são:

Maria Júlia Pereira de Lima, Lizé, Pimpão Altamira, Ruy Altamira, Dilia Galo de Moncorvo, Tercos dos Tercos, D. Tancredo, Miky, Nanachim, Charlot, T. A. T. C., Belsai Sucessora, D. José, D. Quichota, José Gil Pimentel, Sá Bichão, D. Lopi, Lamise, Bellis, Calma Zé-Zé, Rosa Branca, Zangorlipanfás, Shippy, Zé Lopes, Rodrigues Pinho, Maria Rosa Moreira.

Como vêem, MARIA RITA a quem promete não falta. E é por isso que os nossos Concursos teem sempre um grande número de leitores que lhe dão todo o apoio.

A Adega Ideal do Lavrador

tem actualmente espalhadas no Pôrto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, 18 ADEGAS: R. do Bomjardim, 361-364 (Esq. da Trav. de Liceiras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195; R. de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristóvam), Telef. 5802; R. da Constituição, 1386; Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2484; L. Campo Mártires da Pátria, 54-55 (Vulgo Camp. Pequeno); Trav. da Bainharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores), Telef. 905; R. Anselmo Branco, 633; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7; R. Costa Cabral, 524 (Esq. Av. dos Combatentes); R. S. Vitor, 143-A; R. Alexandre Herculano, 44; R. Sacadura Cabral, 97. NA FOZ — R. Senhora da Luz, 238-242, Telef. 314 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto, Telef. 275 — Matozinhos. EM VALADARES — R. da Estação. EM LEÇA PALMEIRA — R. do Castelo, 17 e 19.



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Quando quero saber o que se passa em Portugal, pego nos jornais estrangeiros. Não julguem que eu esteja jogando com o paradoxo. Não. E a prova é que em jornal nenhum do país encontrei referência ao episódio que vai servir-me de tema para esta crónica. Deparou-se-me no semanário francês *Lu*, em transcrição de um periódico de Viena de Austria.

Foi o caso que Madame Celeste Bills — nome próprio retintamente português e apelido caracteristicamente britânico — tinha em Lisboa uma agência matrimonial. E era, ao mesmo tempo, vidente e adivinhava. Uma espécie de Thara Bey de saias. A esta qualidade devia principalmente a clientela da Agência. Porque Madame Bills não se limitava a arranjar noiva para um solteirão ansioso por mudar de estado ou a angariar marido para qualquer donzela entrada em anos e ávida de libar as delicias do matrimónio. Ia mais longe. Na presença do pretendente, tendo pôsto diante de si todas as fichas de noivos ou noivas disponíveis, Madame invocava os espíritos bons que nas regiões ultra-tumulares a serviam, e terminava por seleccionar, de entre as demais, a pessoa que inevitavelmente havia de fazer a ventura do candidato.

Como se vê, ia mais longe que as agências congêneres. E, por seu intermédio, o pretendente matava de uma cajada dois coelhos. Porque isto de arranjar mulher, nos tempos que vão correndo, é facilíma tarefa. Bastam duas piscadelas de olho ou um anúncio no *Diário de Notícias*. Onde a porca principia a torcer o rabo é quando se trata de conseguir esposa cujo génio se coadune com o nosso e possua as qualidades morais indispensáveis para que a nossa existência conjugal seja um céu aberto.

Pois Madame Celeste Bills fazia tudo isto com surpreendente habilidade.

— Tem vossa excelência aqui — dizia ela, estadeando as fichas — duzentas e tantas senhoras que desejam marido e não fazem questão de fortuna, nem de beleza, nem de posição. Por esse lado, qualquer delas está ao seu dispor. Vou ver, porém, qual lhe convém mais, aquela em cujas mãos vossa excelência pode depor sem medo

a sua felicidade e a honra do seu nome.

Caía em transe. Os espíritos, invisíveis mas sempre prontos, desciam sobre ela, sopravam-lhe um nome. Madame procurava a ficha respeitante e passava-a às mãos do consultante.

— Aqui tem — rematava — o futuro anjo do seu lar.

E o casamento efectuava-se. E no

cofre de Madame choviam, de um lado e outro, as libras esterlinas.

A's vezes, não. Madame admitia também o pagamento em dólares...

*

Ora, certo dia, apareceu no consultório de Celeste Bills um cavalheiro de meia idade que desejava consorciar-se. Tinha sido casado cinco anos — declarou. — Mas a esposa era uma víbora, de cabelo na venta e no coração. Tornara-lhe a vida um inferno. Por último, tinha-o atraído. Então, não pudera mais. Separara-se de ela, e divorciara-se. Mas fazia-lhe falta uma mulher no lar. Por isso resolvera matrimoniarse de novo.

Madame ouviu e aprovou a resolução do cavalheiro. Depois abriu a caixa das fichas femininas, que estendeu sobre a mesa. E logo, passando ao *segundo estado*, atraiu os espíritos informadores.

Voltando a acordar, procurou no montão das fichas o nome indicado. E apresentou o pedaço de cartão ao candidato de segundas núpcias.

— Aqui tem, meu caro senhor, a mulher que o há de fazer feliz e que eu lhe aconselho a desposar.

O outro pegou na ficha, lançou-lhe os olhos e levantou-se de um pulo.

— Mas esta mulher — exclamou — é a que eu acabo de repudiar!

Após uma leve perturbação, Madame contrapôs:

— A culpa não é minha. E' do destino. Tem de ser...

*

O outro foi queixar-se à policia. Fêz mal. Há homens que veem ao mundo predestinados. E quem tem de ser infeliz com o casamento, martirizado e enganado, mais vale que o seja por uma só mulher do que por duas ou três.

Marcial Jordão.

OS MEUS BONECOS

X

Dr. Alencão Bordalo (Filho)



«Filho de peixe sabe nadar». Quere dizer: sendo o pai juiz, o filho, por força, tem de ser advogado.

Quem não puder comprar a MARIA RITA, peça-a emprestada. Desta :: forma terá graça, de graça ::

Balancete da semana

Leio que vai passar a Capital da Guiné para a vila de Bissau. E Bolama protesta — é natural — porque acha esse decreto muito mau. Foi um jornal que deu o lamiré por Bissau. Por Bolama outro responde. Mas o governador não sabe aonde deva pôr a cabeça da Guiné. Eu cá sou por Bissau, pois me parece que é sempre mais feliz e do mando co'a vara se enobrece — homem ou vila — aquele que comece pela sílaba «bis».

*

Tanto incêndio, Senhor! A eterna ponta de cigarro fazendo diabruras. Um descuido... Um percalço... E são sem conta. Logo o fogo, a minar, cresce, remonta e sobe, em labaredas, às alturas. Uma casa... Uma fábrica... Um depósito... Hoje êste, logo àquele. Horrendo transe. Chega a gente a julgar que é de propósito; Todavia, *honnei soit qui mal y pense*. Certo é que outrora, quando um prédio ardia, — «Coitadinho do dono!» — se dizia, futurando-lhe dias bem escuros. Hoje, perante um fogo que rebente, exclama tôda a gente: — «Pobres das Companhias de Seguros!»

*

O sargento Baptista, que eu extremo por seu aprumo heróico e puritano, proclamou-se, sem mais, chefe supremo do exército cubano. De repente, subiu a marechal, galgando os postos todos da carreira, e alcançando, num salto colossal, o que aos demais custa uma vida inteira. E botou manifesto, em que declara o affecto que dedica à terra cara onde nasceu, cresceu e quis viver: «Habana, Habana, meu amor!» — começa. E não tardará muito que apareça quem o abane a valer...

*

Escreve-me um leitor:

«Fiquei absorto sabendo que, na volta a Portugal, os corredores, ao entrar no Pôrto, saltaram da Areosa p'ra o Bomfim, fugindo à rua de Costa Cabral. Médo?»

Julgo que sim. Receio de qualquer mau incidente. De essa estranha maneira um perigo evitaram iminente: passar junto do Conde de Ferreira...

Turiddu.

Um casamento ensarilhado. Sob êste título, descreve-nos o *Diário de Notícias* um episódio curioso. Júlio Lopes, natural e morador em Pedrogão Grande, desejava casar-se. Entendeu, porém, por ser de Pedrogão Grande, devia consorciar-se com mulher de Lameira Fundeira. Encantou-a na pessoa de uma filha do agricultor Joaquim Nunes. Desposou-a no Registo. Mas quando se tratou de ir à igreja, Júlio Lopes, que é livre-pensador, declarou terminantemente que nem amarrado de pés e mãos compareceria perante o altar.

A mulher, que é mais religiosa do que o sr. Dr. Pinheiro Tôrres, tornou para casa do pai. Sem as bênçãos do sacerdote — declarou também — não nada. São terríveis, as mulheres de Lameira Fundeira!

Júlio Lopes quis fazer valer o direito que lhe assistia, mas não conseguiu. O desgraçado bate tôdas as noites à porta da espôsa, que vem à janela, atira-lhe a consabida frase «Ora o Lopes!» e dá-lhe com as vidraças na cara.

Dura isto há seis meses. O Lopes quer fazer uso do seu direito, e a mulher a negar-se e a enviesar-lhe olhares cada vez mais tortos. O pobre Lopes encontra-se há meio ano nas condições dos garotos da rua, que choram com os olhos as iguarias dos restaurantes, amaldiçoando o vidro que se interpõe.

O qual vidro é o casamento religioso. Fazendo-o, escusava de lhe nascer tanta água na bôca, e em tamanha abundância que já lá na terra em época de tamanha estiagem, pensaram em aproveitá-lo para uma cisterna de chafariz. Mas o Lopes é homem de princípios firmes. Não cede. Todavia, a pesar-dos princípios, não sabe usar dos meios que a lei lhe confere. E é de crer que a questão tenha mais fim.

Procurem na grande
Livraria Editora de

A. FIGUEIRINHAS, Limitada

tôdas as obras de

MARDEN

o grande filósofo criador da paz de espírito e educador de vontades.

Visitem ESPINHO--Magnífico Casino

PROJECCÕES DE BRAGA

A falta do monóculo do Araújo Lima — Cronistas modernos — Visitas Ministeriais — Consequências regionalistas — Não há assunto

Fernando de Araújo Lima partiu definitivamente para tripeiríssimas terras. Deixa profunda saudade entre os amigos e corações a sangrar, entre as lágrimas.

As «Projeções de Braga» estão de cabeça para baixo (crepes da China) pela falta de equilíbrio e distinto literato que durante os meses lhes emprestou o seu brilho. Já não podem dispendir as irradiações de outrora; perderam a mais limpa das suas três lentes — o monóculo ausente —.

Dos Reporters Unidos resta um e... com probabilidades de descendência. Contudo a MARIA RITA em nada prejudica. Uma vez no Pôrto, Araújo Lima tudo fará para se enfiar nas saias da insinuante matrona.

António Ferro Braguês, numa entrevista solicitada ao Sr. Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal, cujo relato veio a lume no boletim católico desta nossa Roma, toda a vez principia por afirmar que necessita dirigir inconveniências ao entrevistado.

Aqui tem V. Ex.^{sa} um cavalheiro em verdadeiros pruridos de polidez. Mas... não é tudo.

Finaliza de tão interessante maneira que não resistimos à transcrição:

«A rua está quasi deserta. No bronze agudo da Sé Primacial soam, vagarosamente, oito badaladas. As trévas da noite envolvem, no seu manto doloroso e triste a cidade augusta — a cidade mártir.»

Chamar-se-á bronze agudo, ao bronze badalo??

Valha-nos o Sr. C. Ogando, pessoa muito entendida no fabrico de sinetas!! Braga a cidade mártir, com franqueamento também não tínhamos dado por isso. Será mártir pela falta de luz e água que nela se nota, ou pela circunstância de albergar, adentro dos seus muros, um cronista de tamanha grandiosidade!?

Das últimas visitas Ministeriais que honraram a nossa cidade, destacamos

a do Ex.^{mo} Titular da pasta das Obras Públicas e Comunicações.

Sua Ex.^{sa}, a convite de entidades oficiais e extra-ditas visitou vários edifícios citadinos em vias de conclusão, sendo mais demorada a sua análise aos Pavilhões de Infias.

Como é do conhecimento geral esta obra destina-se à instalação dum Manicómio.

Em poucas horas de permanên-

cia na cidade mártir, (sem piada) o Ex.^{mo} Ministro, reconheceu e bem, que o povo de Braga não pode passar sem este importante melhoramento.

O nosso *Correio* tanto regionalismo apregoa, tanto alardeia méritos de defensor da cidade — consequentemente dos seus habitantes — que a Câmara Municipal já resolveu aumentar 890 em Kg. ao custo da carne, demonstrando assim o apreço e consideração que lhe merece o órgão regionalista por excelência. O povinho da «Bracara» deve estar reconhecidíssimo ao *Correio*.

Pela nossa parte endereçamos as nossas felicitações ao simpático órgão.

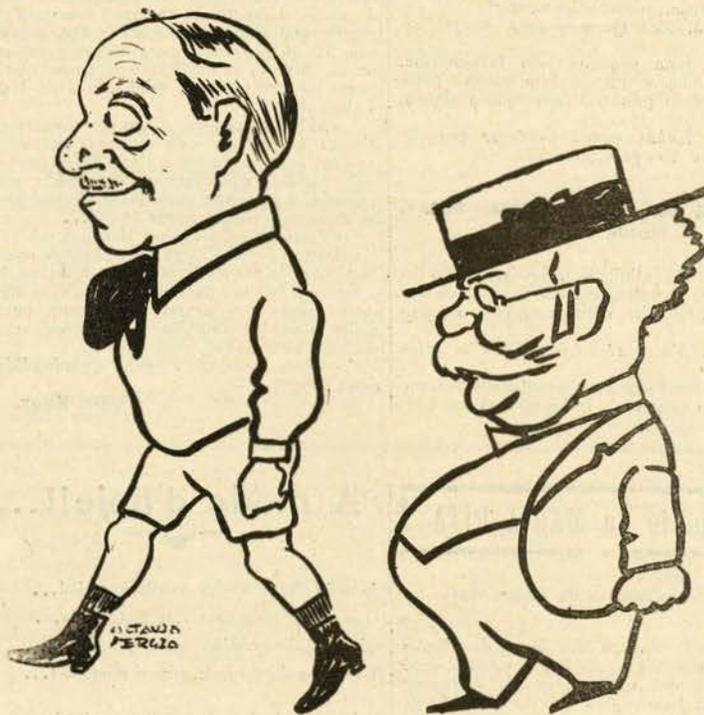
A obrar assim não será preferível a prisão de ventre?!

Sal & Pimenta.

Os «Lusíadas», ilustrados

XIII

Dr. Santos Silva e escultor Silva Gouveia



Ó tu que tens de humano o gesto e o peito,
A estas criancinhas tem respeito!

Canto IV.

BARROS



VINHOS DO PORTO
DE
QUALIDADE SUPERIOR

ou a mania de mostrar as pernas



Quinhentos "azes do pedal" dão a volta ao Pôrto!

E' assombroso de iniciativa, de oportunismo, aquele sr. Oliveira Valença. Nadando também nas águas do entusiasmo ciclistico que a volta a Portugal fez correr em cachoeira em todos os «Nicolaus» que conseguem equilibrar-se em cima dum desses aparelhos inestéticos chamados bicicletas, aproveitou a maré e organizou a mais formidável prova velocipedica dos tempos passados, hodiernos e vindouros!

Foi um delirio indescrevível. Correu tudo! Novos e velhos, sãos e aleijados, carecas e barbudos. Havia-os em mangas de camisa, em mangas de cuecas, vestidos de calça e casaco e em trajos quasi paradisíacos.

Um vimos nós, calmeirão de cinquenta anos bem puxados, a arregaçar as calças, todo contente, enquanto lhe colavam, nas costas do coleto, o número de corrida.

Outro, todo careca, despedia-se dum neto de oito anos, trocando-se entre os dois este pequeno mas significativo dialogo:

— Adeus, futuro Trindade!

— Adeus, avô Nicolau!

Uma mocetona de olhos de fogo, respondendo a não sei qué que um rapagão córado lhe pedia, dizia, prometedoramente:

— Fôrça, Zé! Quem pedala, sempre alcança!

Outra, uma pequena bem reboludinha, graças a Deus, e que também tomava parte na prova, dizia para um rapaz que a olhava, ansioso:

— Não tenhas medo! Descansa que não terei nenhum furo pelo caminho!

A partida dos «azes» e das «azas».
Notas soltas

A' partida, alinhada a malta, todos os pedalomano se voltaram para o local em que estava o sr. Oliveira Valença e à romana, saudaram:

— Avé, Valença! Biciclistorum te salutam!

E largaram todos como setas (desculpem-me os leitores o exagero da imagem) atrás da Gló-

ria ou da Vitória, essas duas mulheres que de longe lhes sorriam.

Como nota interessante, vamos transpôr para aqui alguns pedacinhos do diário dum desses quinhentos corredores.

Tem êle a palavra:

«O meu diário»

«Há dois minutos que partimos e já vou com as pernas que nem as sinto. Se calhar, foi de não ter tomado a Ovomaltine.

«Pumba! O Zé da Chica acaba de engatar a sua manica na minha e fomos ambos para o charco.

«Mã rais parta...»

«A coisa não vai mal. Por enquanto só levo uma perna esfolada, um olho deitado abaixo, dois galos na cabeça e o punho esquerdo partido. Já passei por 125 corredores e meio. Agora, sim, que já sinto as pernas, pois me doem como burro!

«Zás! Cá me ensarilhei com o Quim Maneta. Já no chão, caem-me em cima dezóito corredores, duas motos de ligação e um carro de apoio. Levanto-me a custo e constato com alegria que ainda posso mecher uma das pernas. E' quanto basta para acabar e vencer a prova. Mas... ó maldição! A perna que eu posso mecher não é a minha, é a do Manel Tuberculoso!

«Ai! Passaram-me agora por cima cento e oitenta corredores, mais duzentos entusiastas que nos acompanhavam e ainda dez automóveis com curiosos que tinham vindo ver a nossa valentia. Agora não posso mais. Fechou-se-me os olhos, vejo tudo a andar à roda...

«Tornei a abri-los, no Hospital, ao ouvir a palavra «meta». Julguei ter chegado ao fim. Mas não era aquela meta que eu desejava. Era o doutor, falando para um colega, que me ia introduzindo um grande ferro num buraco maior ainda de uma das minhas escalavradas pernas e dizendo-lhe, autoritário:

— Meta, colega! Veja-me a profundidade dessa ferida.

Dr. Knox.

A Estante da MARIA RITA

«Canções da Beira Mar»

Quem não conhece este album de canções que o Fausto Neves, de Espinho, publicou?

Quem é que, não tem ouvido o *Rancho Juvenil de Espinho*, que o Fausto Neves dirige e acarinha?

Ninguém, como diria o Frei Luís de Sousa!...

Pois, Fausto Neves, esse apaixonado cultor da canção regional, esse esforçado combatente pela elevação do nosso folclore, teve a gentileza de nos enviar um exemplar deste album, com uma dedicatória mais que cativante, imerecida.

E a MARIA RITA, que toda se ufana quando uma gentileza se lhe dedica, agradece penhoradamente a Fausto Neves a sua lembrança e promete cantar em côro todos os cantares do seu album.

Esqueçiamo-nos de dizer que não é necessário ser grafólogo para se conhecer imediatamente que a letra das canções é quasi toda do nosso amigo e colaborador Carlos de Moraes.

Fausto! De hoje em diante a MARIA RITA será a tua Margarida!...

A moda d'hoje!!...

A moda d'hoje é feita em disputério!...

O carnaval constante... a mascarada...

Obriga a dama bela a andar pintada,

Tirando-a da verdade, p'ra o mistério!...

Exige que ela fume!... Olha o critério

Do ditador da moda!... E' caçoada!...

Do bom que a mulher tem não fica nada!...

Impor a moda a isto, é não ser sério!...

Out'ora a dama fina, tinha o tique

Subtil... a epiderme ao natural!...

Era a verdade posta assim no *chic*!...

E fumar para quê?... Buscar um mal

P'ra que nos lábios seus odor mau fique,

E' tirar a mulher... o madrigal!...

Alfredo Cunha (Raza).

Nuvens de poeira

Se nas conferências de desarmamento o público pudesse ver o pensamento dos delegados, o mundo entrava no dia seguinte em guerra.

Hereditariedades

E' frequente ouvir dizer a um chefe de família — no caso de saber que o seu filho é tido por esperto — «O meu rapaz sai ao Pai». Se o filho é bruto, e não dá nada, é o retratinho da mãe.

A paz na China, o clarão do relâmpago e a moda nas mulheres, são as coisas de mais efêmera duração.

Pecadoras de alma

Tu já alguma vez pensaste, leitor amigo, que entre tantas meninas que conheces muitas há fisicamente intactas, mas poucas moralmente?! Este enorme e último grupo, é formado pelas frequentadoras assíduas de cinema (*cine-antimicas*) e pelas mulheres casadas que se sentem enviuar...

Parodoxal

Os homens pequenos revelam-se nas obras grandes, e os grandes homens são revelados pelas pequenas coisas.

Devoramento

A repetição torna tudo corriqueiro; é o que está a acontecer aos *banquetes* de homenagem.

Campanha de natalidade

Quando em Portugal aparecer um Mussolini a preocupar-se com o aumento do fabrico da carne para canhão, conseguirá os seus objectivos consentindo e decretando:

1.º — Nudismo nas praias.

2.º — Festejos de S. João de 3 em 3 meses.

3.º — Propaganda a favor do divórcio, para que venha a ser entre nós tão frequente como no país das Hollywoodenses.

Pretextos para diversões

Esta nossa sociedade
Muito amiga é da pobreza!
Dão-se chás de caridade
Que mal chegan p'rá despesa.

Sonates.

Mil Reis

Volta de novo à MARIA RITA, este nosso querido colaborador de Coimbra, que os nossos leitores já conhecem das *Cartas do Mondego* e mais coisas publicadas.

MARIA RITA, que tem por norma bem servir e recolher a todos, não pode deixar de manifestar a sua satisfação pela volta de *Mil Reis*. E' pouco, bem sabemos, mas é com esta massa que se fazem os *contos*.

DESCANSO SEMANAL

Reeditando as afirmações do número anterior

Como iamoz dizendo, há por esse país fora cada bocado de sábio que até parece mentira.

Vejam V. Ex.^{as}, por favor, como a comissão festeira da freguesia de Cete anuncia os seus festejos.

GRANDE FESTIVIDADE

A

Nossa Senhora do Vale EM CETE

Nos dias 9 e 10 de Setembro de 1933

PROGRAMA

Dia 1 — Começarão as novenas em hora de Nossa Senhora do Vale, na sua antiquíssima e valiosa capela, modelo de todas que a circundam.

KERMESSE

Dia 3 — Leilão das frendas oferecidas pelas mordômas da freguezia e circumvizinhas, que tendo sido sempre briosas, mais uma vez concorrerão para o brilhantismo das festas em honra de Nossa S.^a do Vale.

Dia 9 — Grande feira anual. Ao romper da aurora um estrondo de morteiros, dando entrada a musica terrestre, especialidade de Paço de Sousa (os Zés P'reiras), anunciarão que Cete se encontra em festa.

Dia 10 — A's 7 horas dará entrada uma afamada banda de musica, que tocará uma das melhores peças do seu repertorio e em seguida percorrerá os logares do costume.

A's 11 horas começará a missa cantada pela musica, subindo ao pulpito um dos melhores oradores.

A's 16 horas dará entrada a segunda banda de musica, tocando um dos melhores dobrados do seu repertorio.

A's 17 horas sairá a imponente **PROCISSÃO**, que percorrerá os logares do costume, com grande pompa e respeito, grande numero de anjinhos e as figuras da Fé, Esperança e Caridade, andores magnificos e as duas bandas de musica muitissimo afinadas e fortes farão extasiar toda gente.

A's 21 horas começará o **Grandioso festival nocturno**, havendo grande quantidade de lumes, especialidade do Ministro de Amarante, causando o maior assombro e surpresa em toda a gente, subindo aos corêtos as bandas de musica de Cete e das Portas, que deixarão estupefactos todos os forasteiros. O fogo de artificio de Sobrão e de Jogueiros, tentarão imitar um grande combate naquela noite.

Como a estação ferro-viária fica a 5 minutos de distancia do local da romaria, haverá combotos a hora própria, sendo alguns especiais com abatimento.

De onde se prova que além das musicas terrestres, há as equêstres e as celestiais. Além disso, a missa é cantada pela musica, que tem tal valor, que só pelo simples gesto de subir ao

coreto, deixará estupefactos todos os forasteiros.

E' claro que as pessoas da terra, não ficarão estupefactos porque estão muito habituadas a vê-la subir ao coreto de tôdas as formas e feitios.

E' conveniente também anotar que se a capela é modelo de tôdas que a circundam, isso se deve apenas às briosas modernas da freguesia e circumvizinhas.

Ai Jesus! E de vez em quando dão-se milagres na nossa terra!

O *Combate*, é um brioso semanário que enriquece a linda vila de Fafe. Não é mal redigido, nem tem dado até hoje lenha para se queimar. Mas no seu número de 26 de Agosto último, inserte duas noticias que nos deixaram como os forasteiros de Cete: estupefactos.

Leiam, se fazem favor, as primeiras

NOTICIAS

Os que casam

Efectuou-se o casamento do sr. Celso da Cunha com a snra. D. Lúcia Gonçalves de Oliveira.

Também se consorciou com a snra. D. Maria Alice Gonçalves de Oliveira o sr. José Carlos Novais.

Igualmente se realizou o casamento do sr. Carlos de Freitas com a snra. D. Beatriz Oliveira Machado.

A expressão do nosso pezar às famílias doridas.

Não conhecemos as famílias dos noivos, nem sabemos nada das qualidades ou defeitos que ornem os nubentes. Tampouco estamos informados se à corbeille das noivas faltava alguma prenda, ou ao bragal do noivo sobrava qualquer coisa. Apenas sabemos que o acto de casar, hoje em dia, representa um arrojio sempre e às vezes uma desgraça; mas dai até apresentar um cartão de pêsames às famílias em jôgo, vai uma distancia fantástica.

Mas há mais; logo adiante o mesmo jornal noticia:

Os que morrem

Foi a sepultar o pequenino cadáver dum filho do nosso prezado amigo sr. Luiz Rodrigues.

Também se finou a snra. D. Adélia Moniz Rebelo, da Rua Miguel Bombarda.

Para a Póvoa de Varzim foi levado a enterrar o cadáver da snra. D. Miquelina de Souza, desta vila.

A todos desejamos um futuro muito venturoso.

O que nos obriga a dizer que o articulista é um suicida por vocação. Aguardaremos a noticia do seu passamento para lhe fazemos os mesmos votos.

Uma importante casa de fazendas ali da Praça da Universidade, tem em Matozinhos uma Filial que ostenta a seguinte tabuleta.

A casa que mais barato vende { em Matosinhos!
que na Praia!!
que no Porto!!!
em Portugal!!!!

E nós apostamos singelo contra dobrado, em como não há ninguém capaz de trocar isto em miúdos. Mas que quererão dizer aqueles quês?

Que raio de môsca morderia ao inventor desta tabuleta?

E já que estamos com a mão nas tabuletas, aí vai outra que captamos na rua de Santa Catarina, na casa mesmo pegada ao Stand Citroën.

Encerrado
Para esclarecimentos

Rua do Cativo 26

Confessamos que temos visto estabelecimentos encerrados por muitas razões: por falecimento, por motivo de obras ou de balanço, pelo tribunal, ou simplesmente por o seu proprietário não poder estar à testa. Agora encerrado por motivo de esclarecimentos, foi a primeira vez na nossa vida. Mas ainda havemos de ver mais e melhor, se Deus quiser!

Sr. Baptista Júnior: Ainda não foi hoje. Mas não há de perder pela demora. Entretanto, o público vai-se habituando ao seu nome, e talvez lhe não faça mal o reclame que lhe estamos fazendo. Quando não houver noticias ou recortes de sensação, enfim, quando a sensaboria andar à nossa roda, fica mesmo a calhar a sua tabuada.

Está bem assim, sr. Mesquita?...

PRONTO. Ai temos nós mais uma firma produtora de cinema no nosso país. Até há pouco, ninguém se importava com a produção de filmes portugueses. Agora, não só teremos em breve a *Canção de Lisboa*, posta a correr nos ecrans, em fita da Tobis portuguesa com sede em Lisboa, como veremos dentro de pouco a *Canção do Pôrto*, que será feita num *studio* a construir para cá dos muros desta sempre leal e invicta cidade.

Se, noutros tempos, ela deu a carne para os conquistadores de Ceuta e ficou com as tripas, agora vai dar cinéfilas e cinéfilos para a sua *Canção* e, ao fim, nada lhe restará para sua glória.

Isto é que vai ser um fartote. Sempre assim foi e há de ser. Ou tudo ou nada. Oito ou oitenta. Ou se morre de fome ou se estoura de indigestão com a paça cheia.

MARIA RITA, ao ter notícia dum assunto tão palpitante, sorriu e pensou que o melhor era informar os seus leitores, não vá algum pretender ir ao portão do *studio* a ver se lhe calha um lugarzinho na fita, como sucedeu em Lisboa. Para isso, destacou um dos redactores, a fim de colhêr os informes necessários.

Ei-los:

O que nos disse o delegado extraordinário da firma H. da Costa

Depois de feitas as apresentações, disparámos a pergunta do estilo:



— Diga-nos. Qual foi o motivo que determinou a iniciativa que o trouxe à nossa cidade.

— Eu lhe conto. Não sou bem o título da firma produtora estabelecida em Lisboa. A Tobis cheira-nos a estrangeirismo, disfarçado em produto nacional, e como somos, acima mesmo das nossas conveniências particulares, patriotas dos quatro costados (repare que a firma é H. da Costa), pensamos desde logo abrir um *studio* genuinamente português, onde os capitais sejam retintamente portugueses.

— E por que razão se estabelecem no Pôrto, que é uma terra pequena?

— E' simples, meu caro amigo. O Pôrto é uma terra cheia de tradições liberais, e onde os homens costumam abraçar, com toda a força, as boas iniciativas, a começar pela mulher do próximo e a acabar na bolsa alheia. Neste momento, já conseguimos, sem grandes canseiras e a-pesar-de só há poucos dias termos cá chegado, reunir à nossa volta um número razoável de individualidades de destaque que se propõem ajudar-nos nesta empresa, que, não lho oculto, tem os seus contras, um dos quais é a animosidade da outra firma produtora. Oficiais do mesmo officio...

— Para já, que pensam fazer? — perguntamos.

— Em primeiro lugar, pôr a casa de pé. Para isso, já contratamos um dos melhores architectos desta cidade, o qual trabalha no plano do edificio e nos seus anexos. Vamos, por estes dias, comprar o terreno, o qual será, possivelmente, o que fica ao fundo do cemitério ocidental, no chamado monte do Seminário. Assim, mostramos ser homens práticos. Se a empresa falcer, não dá muito trabalho a levar à cova, que fica perto. Depois, trataremos do filme a *Canção do Pôrto*, para o qual já escolhemos realizador, que é competentíssimo.

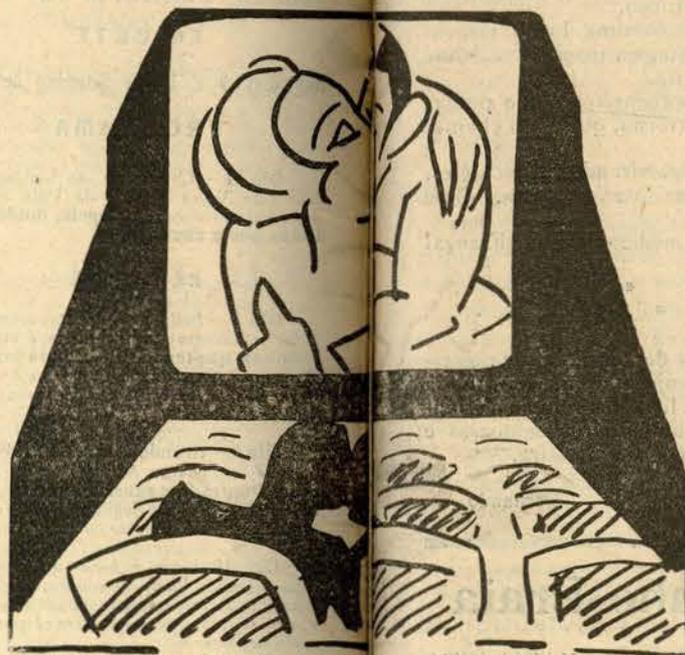
Nada mais quisemos ouvir. Como percebemos, durante a entrevista, que uma das figuras mais entusiastas pela iniciativa que nos honra é um conhecido capitalista e empresário nosso conhecido, fomos procurá-lo.

Fala o sr. Pires Fernandes

Sua Excelência, com sinceridade e sem reticências, diz-nos o que sente:

— Olhe, meu amigo, diga lá na MARIA RITA que eu ando metido num sino por, em breve, me ver entre a mocidade feminina que vai figurar

na *Canção do Pôrto*. Se outra razão me não movesse, a qual é a *massa*, essa, só por si, me bastava. Se eu saí de entre uma mulher, tenho o direito de só me sentir bem no meio de elas. Foi por isso que eu escolhi pessoal feminino para o meu teatro.



— Mas o senhor não receia um desarranjo intestinal?

— Nada disso. O que nos mata, é o tédio e a falta de dinheiro que o provoca. Com o livro de cheques na carteira, não há desarranjo possível, mesmo que se comam as ameijoas ao natural. Deixe falar quem fala e quando chegar à minha idade experimentalmente.

Isto nos bastou. O final da conversa era de molde a tirar-nos o apetite. Fomos, portanto, procurar outro personagem que nos fornecesse mais elementos de informação e encontrámo-lo à porta da Casa Lino.

As promessas do sr. Aníbal de Moraes

— Só tenho pena de não ter idade para entrar numa fita — eu que fiz tantas nos meus tempos! E olhe que tinha um certo jeito para amoroso, assim uma espécie de Adolfo Menjou.

— Então V. Ex.ª aplaude a ideia de se fundar no Pôrto um *studio*?

— Sim, senhor. Faça-o com ambas as mãos à falta de mais. Se mais tivesse mais empregava. Ponho o meu jornal à disposição da empresa, para tudo que seja preciso. E enquanto haja um escudo no meu cofre, reparti-lo-ei com todos os fiteiros, do melhor agrado.

o da sarna que, como sabe, é transmitida pelo calor do corpo. Ora o calor, dentro do cinema, é provocado pelas explosões amorosas que brotam entre a assistência, ao ver as atitudes langorosas da Joan Crawford, do Ramon Novarro, etc.

— V. Ex.ª concorda com a fundação dum *studio* no Pôrto?

— Se concordo? Basta ser da iniciativa do meu grande amigo H. da Costa para que eu lhe dê todo o meu aplauso e o de cerca de quatrocentos milhões de almas que represento nesta cidade. Não só lhe dou toda a minha ajuda, como desde já lhe ofereço o meu cinema, quando voltar a tê-lo, para a exibição dos seus filmes em primeira mão.

— E porquê?

— Porque fiquei farto de passar fitas repetidas, já gastas de segunda e terceira mão. De futuro, não quero mais nada que não seja novo, novinho em folha.

Sua Excelência levantou-se a este remate, e nós compreendemos que estava finda a entrevista.

O entusiasmo da mocidade cinéfila

Fala-nos uma menina, destas que tem pretensões a Greta Garbo.

— Que bom — diz-nos ela — fazer cinema ao natural. Olhe, diga na sua MARIA RITA que eu estou muito contente. Nem sei o que hei-de fazer depois de ser uma *vamp*.

Nós aquiescemos com um gesto de cabeça, e perguntamos:

— Não receia enfrentar a objectiva e os aparelhos de tomadas de som?

— Eu? Tem graça. Ah! Ah! meu caro senhor. Vê-se bem que não me conhece. Olhe, eu sou a menina mais cinéfila de quantas frequentam as sessões da moda em todos os cinemas do Pôrto. E se soubesse das fitas que tenho feito!... O Dr. Thara Bey, na resposta que me deu, falava do cinema.

Sabíamos, sim. Mas não nos interessava uma conversa que ia a redondar num caso pessoal. Por isso, fomos procurar uma figura masculina. Encontrámo-la no Astória, entre um grupo numeroso de amigos e futuros colegas nas fitas cinematográficas. São tantos, que nem se vê o mármore da mesa.

Depois de nos apresentarmos e ditar as razões que nos levaram a procurar a sua opinião, perguntamos:

— Diga-nos, futuro Ramon. Quais

as suas impressões sobre a ideia em marcha?

— Olhe, acabo agora de expor aos meus futuros camaradas os meus planos de trabalho. Espero ser contratado já para a *Canção do Pôrto*. Hei-de fazer um figurão, se lá tiver homens fortes que me agüentem no balanço. Sim, por que não sei se o senhor sabe que eu gosto muito do trabalho nocturno, e isto de trabalhar à luz dos holofócos, mesmo de dia, dá-nos a ideia da noite. Ai que bom!... que bom!...

Estas duas opiniões nos bastavam, depois das entrevistas que realizamos com as pessoas de mais destaque e de maior autoridade, para dar aos nossos leitores a medida do entusiasmo da mocidade tripeira, por uma ideia tão grande e tão útil.

Não se fala de outra coisa. E' um delírio.

Cinema no Pôrto, cinema feito no Pôrto, *studios* no Pôrto!...

Isto discute-se nos cafés, nos carros eléctricos e nas casas de família.

Julgamo-nos suficientemente inteirados do grande movimento cinematográfico que, neste momento, se desenvolve para cá dos muros de D. Fernando.

Ai fica, portanto, tudo o que de melhor pudemos colhêr e que damos, sem alteração duma vírgula sequer, aos nossos leitores.

Alick.



Excavações na Cava de Viriato

Fomos ao último espectáculo dos jardins do Avenida Teatro.

Gostamos basto.

Sociedade escolhida (mas que boa escolha que ali se fazia) com lindas mulheres, que nos inebriaram com os seus olhares maganos.

O Pedroso estava que nem uma brasa, fazendo observações afrodisíacas, que nos garantiam bem pouca segurança, ao pé dele.

Aqui e ali, parezinhos prometendo se sacrificios gostosos, que as mamãs faziam por não ouvir.

Há também mesas de rapazes que tomam chá, discutem Novarro, e condenam o nudismo numa forma assustadora. Até entendem que as mulheres estão a fazer-lhes com a masculinização do seu vestir, uma concorrência desleal.

Há quem tenha já a promessa dum casamento próximo, esta feita entre uma cerveja e um olhar terno.

Há de tudo; alegria, movimento, cor, flirt, mulheres que se divertem e desejam intimamente que breve se passe à poligamia; homens que falam de tudo: desde a má lingua barata à crítica inconsciente, desde o Nicolau à Nicolina. Um regabofe pegado. Não falta nada, existindo até um Luciano, digno empresário destas diversões, como não há outro em todo o mundo.

Os pontos nos 1... 1... — Afinal de contas, ao que nos diz o nosso enviado especial à Alemanha, a perseguição feita aos judeus, e atribuída ao chanceler alemão, não passa de inocentes brincadeiras, com que procuram entreter as horas de ócio dos seus correligionários, e são como as passamos a relatar:

1.º — Os enforcamentos que dia o dia se veem realizando não tem outro objectivo que não seja mostrar ao povo a forma interessante como funcionam estes simpáticos aparelhos de corda. O resto é *pra disnortia*.

2.º — A sequestração de bens aos desobedientes, *obedece* unicamente a uma medida financeira de alto alcance, que se pode traduzir: *tudo para nós, nada para vós*.

3.º — As prisões em massa, não passam duma medida de protecção aos desempregados, com o único fim de os tirar da rua e garantir-lhes ao mesmo tempo o pão nosso de cada dia.

Como vêem, é uma jóia aquele vosso Hitler, que única e simplesmente procura o bem estar do seu povo. O resto são calúnias que os seus inimigos tem pósto a correr com o único fim de o diminuir no conceito dos seus irmãos de ideias *d'Aquem, d'Além Mar em Africa*.

Os Dois Repórteres.

◆◆◆

Carta da praia de Ancora

Segundo um jornal inglês desta semana, «os montes que circundam Viana do Castelo, ardem em toda a sua extensão, sendo a cidade invadida por centenas de lebres, coelhos e veados»... Até parece piada.

*

Tem sido encontrados, na praia, atirados pelas ondas, pequenos «cadáveres».

Pede-se, para obstar isso, a certas meninas, que não vão lavar as mãos ao rio depois de namorarem.

*

Há grande ansiedade, pois devem chegar muito brevemente as luvas do Doutor.

Lingrinhas.

◆◆◆

De Fafe

Eis-me nesta risonha vila minhota num destes dias de Primavera florida.

A noite caía em breve.

Corria então uma aragem que convidava a um passeio até ao jardim. — que esta terra se pode sentir orgulhosa de possuir — onde se aspira um perfume verdadeiramente consolador.

Após a minha entrada ali, notei um não sei quê de triste, que me fazia recordar as noites do Verão passado, aonde eu tinha fixado a nota garrida de lindas e vaporosas *toilettes*, que davam ao local uma alegria espantosa... de beleza e cor.

Estava com o meu cérebro envolvido neste pensamento, quando lentamente se aproxima de mim um meu amigo, o qual traz nos lábios um sorriso irónico, bastante sintomático, que eu não possa deixar passar despercebido.

Então esse meu amigo principia por contar-me: «Quando aqui fazia um calor insuportável, a sociedade elegante cá da terra passeava aqui horas seguidas, à noite.

Os meninos bonitos, linfaticamente estilizados, faziam-se acompanhar. Isto foi-se passando até que principiou a excedência.

O porteiro do jardim, homem de suíças, apresentação respeitável, não sei se por ciúme ou falta de respeito para com ele, passou a não ver bem determinada maneira de gozar, e disso deu conhecimento à C. M.

Esta, uma vez ilucidada do sucedido, fez ver à autoridade A., ao que esta se prontificou a fiscalisar, causticando serenamente os delinquentes.

As damas chamavam para junto delas os rapazitos, alguns dos quais eram beijados historicamente, a ponto de as pessoas prudentes que ali permaneciam terem de alcunhar de desaforo!

Inclusive, houve um par que se chegou a dizer, — tal o estado em que os surpreenderam num recanto escuro, — que a Fêmea estava a fazer tirocinio para ama, e que o menino, «Macho» certamente se tinha esquecido de mamar em pequeno!

Foi o cúmulo! Uma vergonha! Um escândalo em Fafe!!!

E a C. M., em vez de os correr dali — segundo o lema da Terra — a «Justiça de Fafe», previne por intermédio do porteiro: Cada par que for encontrado a beijar-se paga 20\$00 de multa e é pósto fora deste jardim.

Enfim: tudo isto, deve ser calor, muito calor!

Zé Caminha.

Nos bastidores futebolísticos

Asseveram-nos que um grupo de *torcedoras* do Boavista Foot-Ball Club se cotizou para, telegraficamente, mandar vir de Londres dois detectives, sistema Sherlock Holmes ou melhor se possível, a-fim-de procederem às necessárias diligências no sentido de se descobrir o paradeiro de dois jogadores do seu primeiro grupo, que foram há dias misteriosamente raptados.

Esta audaciosa façanha tem sido largamente comentada nos meios futebolísticos, em virtude da responsabilidade do raptor ou raptos, porquanto, segundo consta, os supracitados jogadores são menores.

* * *

Um *leitor assíduo* sabendo que a MARIA RITA é o órgão de maior informação no norte do país sobre as subtilidades das Assembleias Gerais ou não gerais, pergunta-nos porque razão se não efectuou a Assembleia Geral do Foot-Ball Club do Pôrto para a eleição dos corpos gerentes da futura época.

A pergunta deixou-nos um tanto ou quanto atrapalhados, porque, de facto, não conhecemos os motivos.

Ele sempre há cada abelhudo!...

O melhor dos médicos

A Rosa Peluda era um belo naco de carne sem espinhas e com pouco nervo que, tendo partido o homem para França a esgravatar, foi viver com os Avós paternos.

Pelo crivo do tempo furaram alguns meses e a moçoila, de vermelhaça que era, entrou de amarelecer assustadoramente.

Comia pouco, sentia calores pelas regiões equatoriais e polares, desmaiava quando enxergava umas pernas de macho suíno e, sempre que podia, toça a cavalgar os galhos das macieiras, em trote impetuoso.

Um dia, após uma longa viagem em bicicleta *Singer*, (passe o reclamo) recolheu ao leito.

Os Avós apreensivos como pulgas em noite de inverno, quiseram chamar o médico.

Mas a Rosa, virando-se para eles, olheiras fundas até às faces, disse apenas:

— O meu médico está na França!

* * *

Nove meses depois de haver regressado do estrangeiro o marido, Rosa Peluda dava à luz duas robustas crianças coradas como maçãs camoesas e rijas como ramos de macieira.

Fernando.

Espinho-Praia

Está provado que a MARIA RITA entrou com o pé direito em Espinho. A-pesar-da ponte levadiça que leva os forasteiros aquela linda terra, nós conseguimos passar por sobre tudo e entrar afoitos no Casino, o moderníssimo Casino da primeiro praia do Norte.

E se lá entramos, foi porque a gerência da actual Empresa, representada pelo sr. Rezende e pelos dois Crespos, teve a amabilidade de nos enviar um livre trânsito, e seis plaquettes prospectos anunciadores das belezas do seu Casino.

MARIA RITA agradece uma e outra coisa e deseja mil prosperidades a quem, como eles sabem cumprir o seu lugar.

Posta restante

Jarb — E' sempre bem aparecido.
José Lapa — Julgamos ter cumprido. Esperamos que você continue.
José A. Pereira da Costa — Recebemos e vamos publicar a pouco e pouco. Obrigado.

O novo prelado

Naquela manhã primaveril, amanhecera mais alegre o dia, numa fronteira cidade de Espanha.

A grande azáfama pelo paço episcopal, agarrado à Sé, uma jóia arquitetónica de imponência romana. O pó era escovado de todos os móveis, os criados e criadas andavam alegres e diligentes, as janelas abriam-se pela vez primeira desde que morrera o velho bispo, e o sol levava alegria aos sombrios salões atapetados. Este movimento desusado explicava-se, porque nessa tarde vinha tomar posse um novo senhor.

E ele chegou naquela tarde, rodeado de festas e de cervizes dobradas, no seu sorriso bonacheirão, uns olhos pequenos, inteligentes, umas sobranceiras negras como o cabelo e o nariz um pouco adunco, numa cara escañoada e vermelha. Era quasi alto.

A noite chegou também, e o anel pastoral foi beijado duas centenas de vezes.

Para os criados e familiares, ele apareceu, no dia seguinte, um senhor agradável, com um sorriso nos dentes brancos e uma bondade de cura.

— Vossa reverendíssima dá licença?

Era a governante, que vinha saber dos seus apetites e das ordens para os manjares.

Esta mulher, que era quasi bela, bem tratada, veio entornar malícia nos lábios carnudos do bispo; usava um fato preto, muito justo, que fazia mais sensuais os seus lábios vermelhos, mais meigos e negros os olhos rasgados, e uma pele muito fina e branca.

— Entrai; sois vós a minha governante? Vai-se-me tornar mais bela a vida, governado por vós...

— Eu só governo os vossos criados, e de vós recebo as ordens, reverendíssimo.

— Bem está; sois tão bela... Foi o bispo, meu antecessor, — que Deus guarde em santo lugar — que vos colocou a seu serviço?

— Foi, sim, teria eu vinte anos; e já lá vão quasi vinte...

— E viveu ele vinte anos na adoração dessa beleza?

— Saiba vossa reverendíssima que nunca me tocou, nem sequer num cabelo.

E o bispo, batendo as mãos e abanando a cabeça, exclamou admirado:

— Buena pontaria!!! Buena pontaria!!!

Caía mansa a noite, e não rezam as crónicas da pontaria do seu predecessor.

Lingrinhas.

Contos... e... Contas

D. Alice é literata
E julga que tem valor,
Fazendo prosa barata
Sem recheio, nem sabor.

Muito escreve a D. Alice!...
São linguados e linguados;
Mas a casa... quem a visse...
Tem pó por todos os lados!...

Com sua prosa sublime
D. Alice bem descreve
Mas, ninguém, ninguém imprime,
Nem de graça o que ela escreve!

E' o marido, afinal,
Vindo do emprégo tonto,
Que inda «grama», por seu mal,
A leitura d'algum conto...

Bem lhe custa, ele o diz,
Aquela literatice,
Que o faz viver infeliz
Com a sua D. Alice.

Há dias, chegando a casa
Encontra a mulher sorrindo,
E que com esta o desaza:
Ora lê isto meu lindo...

O quê?! E' mais algum conto?
Trago a cabeça tão tonta!...
— Não é nada disso, tonto;
Não é conto... é uma conta!...

E homem da D. Alice
Só tem nesta vida afrontas:
Ou lê contos (que chatice!...)
Ou com contos paga contas...

(Açores)

Dr. Pretito.

Num grémio taurino há um sarau dançante em honra de vários toureiros. Um amator dirige-se a certa dama e convida-a para dançar.

— O senhor é toureiro? — inquire a dama.

— Não, minha senhora! — elucida o interrogado.

— Então — conclui ela — não danço.

O infeliz dirige-se a outras senhoras, mas como todas só desejam dançar com toureiros, vê-se obrigado a desistir e tenta-se num banco a ruminar vingança.

O mestre-sala anuncia a final após alguns números de dança e o nosso amator vai direito a uma senhora baixa e nutrida de quem já tinha obtido recusa anteriormente e, corajoso, convida-a novamente a dançar.

— Eu não disse já ao senhor que só dançava com toureiros?! — pergunta a dama abespinhada.

— E' verdade, minha senhora, mas como é costume no fim de cada corrida haver sempre uma vaca para curiosos, julguei chegada a ocasião...

A senhora perdeu os sentidos.

Elmano Siamor.

A minha desculpa

Há dias, numa excursão,
E no Porto, de passagem,
Falhou-me, por distração,
Prestrar a minha homenagem,
A' nossa MARIA RITA,
Que trago no coração
Sempre. E não tive a dita,
A grande satisfação,
De, num abraço, a prender,
Com alegria tamanha,
Na pessoa — podem crer —
Do grande Zé d'Artimanha.
Mas, peço-lhe mil perdões
E prometo não voltar
A ter, assim, distrações,
Que podem desagradar.

.....
O raio do vinho verde,
A que não 'stou avezado
— E que tanta gente perde —
Foi o único culpado!

Agá Larbac.

Fazer circular a MARIA RITA,
mesmo dada ou emprestada, é con-
:: tribuir para a sua expansão ::



A PENSAR MORREU UM BURRO

ÓRGÃO IMPRESCINDÍVEL AO BOM FUNCIONAMENTO DO PENSAMENTO NACIONAL

CHARADAS, ENIGMAS E PREGUNTAS SOFISMÁTICAS

1 ANO - N.º 25

DIRECTOR: ZÉ CAGANCHO • REDACTOR: REI DAS MUSAS

16 DE SETEMBRO DE 1933

QUADRO DE HONRA

DILIA GALO

Decifrações do n.º 23 — 1) Casia, 2) Triato, 3) Palácio, 4) Vitória, 5) Tavela, 6) Cãozinha, 7) Indosa, 8) Sabola, 9) Mãicha, 10) Veleza, 11) Arve, 12) Lichãozinho, 13) Sivilisado, 14) Massaça, maça; 15) Oliveira do Hospital, 16) Vila Nova de Poiares, 17) Hasterisco, 18) Quem diabos compra, diabos vende.

Decifrações — Dília Galo, 18; Otropavlis, 17; Reirobi, 16; Rei do Orco, 16; Otter, 16; Monteiro II, 14; Fantasma Negro, 14; Francisco Rodrigues, 13; Feirante, 13; Só Darco, 13; Seria, 9.

◆◆◆

Enigma em verso

(Ao ilustre Kiçai)

(1)
Após grande libação,
Dois parceiros discutiam
E não se compreendiam,
Talvez, devido ao... pião!

A palavra em discussão,
Uma letra tem sómente;
Por isso, sê mais prudente,
Não te julgues sabichão!

Esta breve afirmação,
Fazia a um da contenda;
Mas o outro em voz tremenda
Respondia: isso é que não!

E em grande exaltação
Repetiu em voz vibrante:
Duas letras, ignorante,
Contêm o termo, vilão!!!

Porém, entra um fanfarrão
E disse com voz pausada:
Quatro letras e mais nada,
Tem a palavra em questão!

Nisto salta um figurão,
E diz erecto, apumado:
Ponto no desaguisado,
Pois, todos três teem razão!

Esta afirmação, confrade
Causou enorme surpresa,
Por ser com grande presteza,
Sanada a dificuldade.

◆◆◆

Serigaita.

Charadas em verso

(2)
Num belo dia de Junho, — 1
Apanhei um malmequer;
Mas nota que é para dar — 1
A' minha qu'rida mulher.

Kiçai.

(Ao Luar Somar)

(3)
O lavrador pobrezinho
Que só *cultiva* uma leira, — 2
Prega partida ao vizinho — 2
Que tem uma grande geira,
A quem o *reptil* daninho
Dá cabo da sementeira!

◆◆◆

Otropavlis.

Novíssimas

(4)
O padre, *come* o pão e dá o queijo
ao *milionário*, para lhe apanhar a
planta! — 2, 2.

Rutra Luar.

(5)
Agora, para a terra, parte a minha
mulher. — 1, 2.

F. Rodrigues.

(6)
O Jerônimo tem na cara sinais de
beijos, de... burro? — 1, 2.

Kiçai.

(7)
Nota, meu amigo que tenho sempre
receio de tomar um medicamento. — 1, 2.

Sepol.

(8)
Aqui neste sitio, vi o tronco de uma
árvore. — 1-1-1.

Adriano X. Nel.

(9)
O animal, com todo o cuidado, *per-*
corre o terreno no ataque aos coelhos.
— 1, 2.

Reirobi.

Sincopadas

(10)
3 — O filho da D. Berta,
É um *basbaque* sem igual,
Pois, fica de bôca aberta
Quando vê este animal! — 2

Serigaita.

(11)
2 — Esta criança que chora,
Ali ao pé da lareira,
Stou convencida que ignora,
Que stá pronta a trincadeira. — 2.

Serigaita.

◆◆◆

Maçadas geográficas

(A' distinta colega Serigaita)

Formar o nome de uma terra portu-
guesa com as letras da seguinte frase:

(12)
D. SERIGAITA: LIROR...
«CÊU DE FOGO»

Sepol.

(A retribuir ao Horaciano)

(13)
SEMPRE O DOIDO AO VINHO!
Otropavlis.

(A distinta charadista Serigaita)

(14)
DR. DECIFROU LOGO
SERIGAITA!

◆◆◆

Otter.

Tipográficos

(5 letras)

(15)

X 5 O

Sepol.

(16)

EE TRU IO

Kiçai.

(17)

M
U
L
H
E
R

Serigaita.

◆◆◆

Provérbio a adivinhar

(18)
O José Joaquim Parda,
É um sovina; em geral
Tudo qu'él vai comprar,
Há-de ser o que encontrar
Mais barato, embora mau!
Há dias este marau
É refinado farçante
Largou-me esta: — Que desplante! —
— Não sei, não posso explicar
— Este caso singular:
— Eu comprei recentemente,
— Esta farpela indecente,
— Que já stá a pedir reforma!
— Acredita não há forma,
— De facilmente encontrar
— Fazenda para durar
— Como tu. Sorte mofina!!! —
— Encontras, grande sovina!
Respondi entediado;
— Se atenderes este ditado
— Do tempo do pai Adão,
— Que diz com toda a razão:
—

Serigaita.

PENSAMENTOS

O humorismo gaulês

Querida MARIA RITA:

Lembras-te dos meus amigos Maritza e Florêncio, aqueles dois filósofos que te apresentei? Ai vão mais alguns dos seus pensamentos:

De Maritza:

Os beijos dos homens são como os maus pós-de-arroz: — aderem, mas estragam a pele.

Entre um homem e um automóvel prefiro o auto. Com um homem não conquisto automóveis, mas com um auto conquisto muitos homens.

O livro é um mau companheiro. Se é branco, deixa-nos brancas. Se é vermelho, torna-nos amarelas.

O vestido de noiva devia ser preto. A noiva devia deitar luto pela sua liberdade.

Adoro a mentira. A inteligência dos homens mede-se pelo número de mentiras.

Um homem bonito representa sempre em frente da mulher. Se outra coisa não representa, representa, pelo menos, um perigo.

A mulher inteligente nunca usa o verbo *querer* quando fala com o homem. Os homens adoram mais o verbo *desejar*.

As lágrimas são sempre de ótimo efeito. Não há homem que resista à sedução duma lágrima.

Se o homem fôsse o animal inteligente que julga ser, veria que o beijo é sempre o ponto de partida para qualquer joalheria.

A vida da mulher resume-se a amar e a sofrer — disse alguém.

Está certo! — A amar os homens das amigas e a sofrer por ver que as amigas amam o seu homem.

Ao melhor livro prefiro um papel em branco. No livro, limito-me a pensar como o autor. No papel em branco, penso como quero.

Respostas de Florêncio:

Os beijos das mulheres são como certos políticos: — acomodam-se a tôdas as situações.

Entre uma mulher e um auto prefiro o auto. Este, ao menos, obedece-me.

O vestido de noiva devia ser vermelho. Não serão vermelhos todos os pensamentos da noiva, nesse dia?

Maritza adora a mentira porque é mulher. Não há mulher sem mentira, nem mentira que não parta de mulher. Mulher e mentira são irmãs siamesas.

Uma mulher bonita é única e simplesmente um adorno para homens... ricos.

Homem inteligente é aquele que usa de todos os verbos, mas não permite à mulher o seu uso.

A maior força das mulheres, reside nas lágrimas. A sua maior fraqueza nos beijos.

O amor das mulheres é como a sorte grande: — sai sempre aos outros.

Há mulheres que são como as cartas lacradas: invioláveis.

Prefiro o livro ao papel em branco. O papel em branco aceita tôdas as asneiras e eu prefiro ler as asneiras dos outros.

Mil Reis.

Os nossos amigos franceses dão-nos, às vezes, cada uma, que é de deitarmos as mãos à barriga. Para prova, transcrevemos, com a devida vénia, do nosso colega *Diário de Lisboa*, o seguinte, passado com Tristan Bernard:

TRISTAN Bernard foi a um restaurante e pediu um jantar. O criado trouxe a sopa e o humorista francês respondeu que não a podia comer.

Volta o criado com outra sopa, e Tristan Bernard torna a dizer que não a podia comer.

Alarmado, o dono da casa correu a dar explicações, afirmando que todos os clientes comeram sem reclamar, e que até a achavam excelente.

— Não digo o contrario, — respondeu o famoso escritor — mas eu não posso comê-la, porque não me trouxeram colher.



Como vejo a Granja

Está como um jardim à beira mar,
A praia tão florida... encantadora!...
Ela é a vida atraente... sedutora...
Tem a poesia toda pra adorar!...

Vejo n'uma destreza, indo a nadar
Nas ondas d'este mar, por aí fora,
Uma dama gentil... linda senhora...
Como que vai pra longe a viajar!...

Vejo também na praia, uma outra fada...
Encanto de mulher... beleza cheia...
E fina educação muito elevada!...

Ainda vejo mais... uma sercia,
Quási que nua, enfim, muito beijada,
Pelo ardente sol, ali, na areia!...

Alfredo Cunha (Raza).

Os impossíveis dêste mundo

- 1.º Limpar os dentes com uma escova de esfregar.
- 2.º Cortar o cabelo com uma máquina de escrever.
- 3.º Coser a roupa com as agulhas dos eléctricos.
- 4.º Escrever com bicos de gásmetro.
- 5.º Obrigar todos a ler a MARIA RITA.

Nírico.

Para Pintar aredes Use

MURALINE

RUA DO ALMADA, 30-1.º — Tel. 2571

uma tinta que se

prepara em minutos
seca em 10 horas
dura 10 anos

Aquilo que nós sabemos

Grande Concurso Poético da MARIA RITA

Como sempre, e para não fallarmos com a publicação de tódas as quadras recebidas, dividimos por dois números as que temos em nosso poder, e nos foram até hoje enviadas. Portanto, só no próximo número publicaremos a quadra dada por esta redacção, assim como a classificação das premiadas.

«Daqui de onde estou bem vejo»
Um caracol enroscado;
Menina, se é seu desejo
O bicho põe-se esticado...

Adriano X. Nel.

E' vencido pelo frio,
Um caracol enroscado...
Não chega mesmo ao Estio,
Por morrer antes gelado!...

Alfredo Cunha (Raza).

Mariquinhas diz que tem,
Um caracol enroscado;
Que lhe fica muito bem,
E atrai o namorado.

Sacripanta.

Fiquei pálido quando vi
Um caracol enroscado
Tremendo, encostei-me a ti
P'ra não cair desmaiado!...

Francisquinho.

Em sou, com tristeza minha,
Um caracol enroscado,
E' pena, mas adivinhas...
São coisas vindas do fado.

N.

Se eu visse a minha sogra
Um caracol enroscado,
Dava primícias a Deus
E dois vinténs do diabo.

N.

Se eu visse o meu Joaquim
Um caracol enroscado,
Dizia logo assim:
Seu lesma... vá p'ró diabo!...

Nalcifanir.

Meu amor hoje pareces,
Um caracol enroscado,
Que faria se não tivesses,
O sol sempre a teu lado.

Octávia Maria.

O Trindade mais par'cia
Um caracol enroscado
Correr quasi não podia
De tanto ter pedalado.

João dos Santos Matos

Eu gosto muito de ver
Um caracol enroscado
Porque me faz esquecer
Quando eu era casado.

Manuel Monteiro.

Não gosto de admirar
Um caracol enroscado
Porque me faz recordar
Quando tenho a sogra ao lado.

Monteiro II.

Eu vi da minha janela
Um caracol enroscado
Quando tu 'stavas Gisela
A falar co'o meu cunhado.

M = 2.º.

Vi na minha cachimónia
Um caracol enroscado,
Será possível!... Antónia
Que me tenhas enganado.

Fantasma Negro.

Da minha janela vi
Um caracol enroscado
Em sonho te vi a ti
Comigo 'stavas deitado.

Bébé Daniels.

Na minha quinta encontrei
Um caracol enroscado
Tamanho chute lhe dei
Que ficou atordoado.

Ruth, Mix.

Se eu na cama pareço
Um caracol enroscado
Pela certa não mereço
Que tu fiques a meu lado.

Ventura S. Dias.

Pigarro, pareces mais
Um caracol enroscado
Quando ao dares aos pedais
Vais na máquina dobrado.

Vensódias.

Domingos Dias parecia
Um caracol enroscado
Mas tanto e tanto corria
Que fiquei admirado.

Tom-Mix.

Parecia o César Luís
Um caracol enroscado
No guiador co'o nariz
De tanto que ia dobrado.

Monteiro I.

Na tua moita eu vi
Um caracol enroscado;
Mas nem por isso fugi:
— Deixei-me estar a teu lado...

Lopes Pereira.

Nos teus cabelos eu vi
Um caracol enroscado;
Piolhos, então, ali
Um cento tive contado!!!

Sepol.

Eu gosto imenso de ver
Um caracol enroscado,
Porque fico a antever,
A noite do teu noivado!

Rei das Musas.

Disseste a alguém que eu par'cia,
Um caracol enroscado,
Julgo bem que não mer'cia,
Ser assim tão desdenhado!

Rei Fera.

Quando vejo no arrebol
Um caracol enroscado
Eu lhe digo: — Descarado!
— Ponha os chavelhos ao sol!

Serigaita.

Tens em teus cabelos louros
Um caracol enroscado;
Inda é dos tempos dos mouros
Ou é moda que há voltado?!

S. D.

Inda tenho em meu poder
Um caracol enroscado
Que guardo p'ra oferecer
A' sogra do meu amado.

Só Darco.

Não julguem que dorme a sesta
Um caracol enroscado...
O que êle está é envergonhado
Por ter paulitos na testa!

Amaral.

'Stá no alto da montanha...
Um caracol enroscado!
A' espera duma aranha,
P'ra irem cantar o Fado!...

A. H. da S.

E' uma coisa interessante;
Um caracol enroscado,
Desenroscar, num instante...
Os seus pauzinhos p'ró lado!...

A. H. da S.

'Stá entre aquelas quebradas,
Um caracol enroscado...
C'umas pantufas calçadas,
Que é para não ser multado!...

Alberto Henriques da Silva.

O calçado de fama

53, Largo dos Loios, 54 — PORTO

DIANA

Vendas a prestações com bonus

Telefone, 5422



DECIMA-TERCEIRA PEÇA DO CONCURSO

O passado, presente e futuro

Larçãha em 2 act'o's

PERSONAGENS { Dr. Tara... do
D. Branca da Purificação
Manuel Carneiro Plácido
Marido da Purificação e major reformado

ACTO I

O pagode passa-se no consultório do Dr. Tara... do, que de tolo não tem nada.

CENA ÚNICA

(Dr. Tara... do, D. Branca da Purificação e Carneiro Plácido).

D. BRANCA DA PURIFICAÇÃO:

Venho aqui p'ró consultar, illustre dr. Tara... do. Queira, pois, principiar a ler todo o meu passado.

DR. TARA... DO (com ar misterioso):

Seu passado vou expor: Antes de casar...

CARNEIRO PLÁCIDO (curioso) — Bem, bem.

DR. TARA... DO (com falinha diabólica):

Aqui com este senhor, Esteve para ser mãe... E' que um primo — o primo Roque, — De bem longe, de Tavira...

CARNEIRO PLÁCIDO (vendo a mulher bater o pé nervosamente):

Nesse assunto mais não toque.

D. BRANCA DA PURIFICAÇÃO (furiosa e ruborizada, o que se não vê, porque tem a lata pintada):

— Mentira, tudo mentira!

(outro tom):

Fale-me antes do presente, Só para o meu Manuel Ver o que minh'alma sente, E o quanto lhe sou fiel.

DR. TARA... DO (sondando os espiritos):

O seu presente é... bicudo; Mas eu sempre em tudo venço. — E' formosa e, sobretudo, Dum coronel gosta imenso.

CARNEIRO PLÁCIDO (atalhando rápido):

Enganou-se. Eu sou major. Não enganei, — nisto aposto E' porque, caro senhor, De-certo subiu de pôsto...

D. BRANCA DA PURIFICAÇÃO (suando em bica como o S. João):

Mentira! Valor não tem O que sóbre mim atira.

CARNEIRO PLÁCIDO (para a mulher):

Mas êle fala tão bem...

D. BRANCA DA PURIFICAÇÃO:

Mentira, tudo mentira!

CARNEIRO PLÁCIDO (para o médium):

Acabe e diga o futuro Que terci, doutor Tara... do.

DR. TARA... DO:

No futuro — afirmo e juro — Será sempre um... enganado.

O pano cai, provisoriamente

ACTO II

CENA ÚNICA

(D. Branca da Purificação, e Carneiro Plácido, sentados num banco do jardim da sua casa, que está hipotecada pelas orelhas).

CARNEIRO PLÁCIDO (enganando-se):

Creio que o doutor, querida, Saiu um grande intrujão. Em nada da tua vida Falou direito.

D. BRANCA DA PURIFICAÇÃO (aliviada):

— Pois não!

CARNEIRO PLÁCIDO (rindo):

Aquela do coronel, Com franqueza, não faz fé. Que grande burlão aquel', Não achas, filha?

D. BRANCA DA PURIFICAÇÃO (já senhora de si):

— Pois é.

CARNEIRO PLÁCIDO (térmo):

Ao ouvir tua voz doce, Meu todo fundo respira. E o sábio a querer que eu fôsse...

D. BRANCA DA PURIFICAÇÃO (não o deixa concluir a frase que lhe calhava a matar):

— Mentira, tudo mentira...

O pano aproveita a ocasião e vem por ali abaixo

Alexandrino Machado.

CARTAZ DE HOJE

Sã da Bandeira: Brevemente, estreia duma grande Companhia de Revista.

Rivoli: Sessões de cinema com as melhores reprises da época finda.

Batalha: Os melhores filmes da temporada, em reprises sensacionais.

Albano Ramos Pais & Filho
ALTA COSTURA

Atelieres de vestidos e roupas brancas
Rua Sá da Bandeira, 166 — PORTO
TELEFONE 4258

Concurso do papel rasgado

4.ª CARTA

Minha . . .

Nunca julguei que . . .
-se nas nossas relações . . .
-gra antes do tempo. . .
sarilho. Tu que co- . . .
não te admires de . . .
casa com a cabeça . . .
Todo o sonho tem o . . .

Dr. Knox.

Nome

Palavras certas

Morada

(Cortar por aqui)

Queiram ler agora a **segunda carta** do nosso concurso tal e qual ela é, com as duas metades:

Meu bem:

Inesquecível hora a que me deste ontem! Vive em meus olhos ainda a magia dos teus olhos feiticeiros. A tua boca fresca e donairosa, sinto-a pregada na minha para sempre.

Sonho com mais ainda. Sonho em ter-te inteiramente nos meus braços. O amor é assim: insaciável, dominador e bruto. Não lamentes o teu

Dr. Knox.

Leram? Era facilima. Pois nem assim os concorrentes atinaram melhor que com a primeira. Com mais de 20 palavras certas temos apenas os seguintes:

Marços Correia, 25; Marcolino, 25; Almiro Pôrto, 24; Formozinho da Sé, 23; Lamise, 22; Pimpão de Altamira, 21.

Sendo dois, dos concorrentes que começaram na segunda carta.

Aqueles que até agora totalizaram número de pontos inferior a 20, e cuja lista só publicaremos no final, pedimos o favor de irem somando semana a semana.

Ao concorrente que queira começar na quarta carta, ser-lhe-á atribuído o número de 25 palavras certas relativo às três últimas; mas para isso é necessário enviar os recortes respectivos.

Em face do que prometemos, fica assim estabelecido o plano deste concurso:

- 1.º prêmios para os concorrentes com mais de 100 palavras certas.
- 2.º prêmios para os concorrentes com mais de 80 palavras certas.
- 3.º prêmios para os concorrentes com mais de 60 palavras certas.
- 4.º prêmios para os concorrentes com mais de 40 palavras certas.

As três cartas mais expressivas da segunda semana:

Meu martirio:

Inesquecível hora a que me *apareceste!* Que mais trabalhos ainda a magia dos teus olhos *me darão!* *Atua mão esquerda, sinto-a pregada na minha cara. Agora sonho vingança.*

Sonho com mais ainda. *Sonho esmagar-te completamente nos meus braços. O amor quer se batido, impossível, dominador e bruto. Não lamentes o estado do*

Dr. Knox.

Remetente: **Ferrabraz.**

Meu amor:

Inesquecível hora a que me *perleceste: sinto nos meus olhos ainda a magia dos teus olhos desejosos: a tua boca formosa, sinto-a pregada na minha num prolongado beijo.*

Sonho com mais ainda. *Sonho ter-te definitivamente nos meus braços. O amor que por ti sinto é, indomável, dominador e bruto. Não lamentes o teu*

Dr. Knox.

Remetente: **Lamise.**

Meu amor:

Inesquecível hora a que me *concedeste. Sinto nos meus olhos ainda a magia dos teus olhos lindos. A tua boca fresca, voluptuosa, sinto-a pregada na minha com sofreguidão.*

Sonho com mais ainda. *Sonho apertar-te fortemente nos meus braços. O amor é por natureza indomável, dominador e bruto. Não lamentes teres sido unicamente sincera.*

Dr. Knox.

Remetente: **Diliana.**

Visado pela Comissão de Censura